



Desafios de Ser Homem Psicólogo Escolar dentro das Escolas: uma leitura a partir da perspectiva masculina

Edmilson de Carvalho da Silva
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
São Paulo

SUMÁRIO

1	Resumo	2
2	Introdução	3
3	Escola enquanto local de profissão do homem	5
4	Homens na psicologia: Quantos somos?	8
4.1	Sou psicólogo escolar	10
5	Considerações	12
6	Bibliografia	14



1 RESUMO

A figura masculina vem sendo a minoria atuante no espaço escolar. Os fatores históricos e sociais demarcam lugares e ocupações profissionais numa concepção de gênero. A discriminação e preconceito filtram as escolhas de formação e atuação profissional, são poucos os homens que permanecem neste lugar. Na psicologia, a defasagem dos homens chega a 13feministas ocorridos ao longo da história trouxeram mudanças significativas entre as atribuições “masculinas” e “femininas”. São numerosos os desafios encontrados pelo homem para ter seu reconhecimento e valorização em funções vistas como femininas, entre elas, a de psicólogo educacional atuante na rede básica de ensino. A prática do homem enquanto psicólogo escolar não possui muita visibilidade, sendo necessário realizar estudos com o objetivo de mensurar esta população, assim bem como uma postura autoral destes mesmos educadores e psicólogos homens, sobre suas próprias experiências em ocupações de predominância feminina.

Palavras chaves:: Escola; Gênero; Psicologia;



2 INTRODUÇÃO

O que lhe vem à mente quando pensa “um psicólogo homem”? Pode vir em pensamento desde um profissional clínico, sentado diante de um divã fazendo anotações, ou até um psicólogo numa organização realizando avaliações. Qual é o lugar do homem na psicologia? O que caracteriza, dentro da psicologia, uma área de atuação masculina?

Agora, pense num psicólogo homem, atuando dentro de uma escola. De modo institucional, tendo a escola e ou a secretária de educação como seu ambiente de trabalho, acompanhando alunos, professores e toda equipe escolar, discutindo e planejando ações (Guzzo, 2001). Tipicamente este tipo de atividade está vinculada à uma função feminina. Mas de onde vem isso? Cadê os psicólogos homens atuantes na área escolar?

Normalmente encontramos psicólogos homens na área educacional realizando atividades como educador, seja como docente universitário ou de ensino regular (em áreas de ciências humanas), mas como psicólogo escolar, não há muitos. O que implica a atuação do psicólogo homem dentro da escola? Se o homem tem a capacidade de estar na universidade formando educadores, o que o impede de contribuir diretamente na formação dos pequenos? O campo escolar vem sendo ocupado pela figura feminina, (Carvalho, 1998) e por outro lado, nem todas as escolas oferecem uma psicologia a nível educacional. Quando há ofertas de vagas na área escolar em unidades privadas, estas costumam especificar um perfil desejado – preferencialmente do sexo feminino. Não pretendo aqui, apequenar as conquistas alcançadas pelas mulheres ao longo da história, tampouco criar uma relação de conflito referente a dominância feminina no campo escolar. A base desta inquietação são os determinismos propagados pela visão machista, por relacionar a gênero questões ocupacional. A noção de gênero está sendo abordado como algo além dos aspectos biológicos e diferenças anatômicas entre homes e mulheres. Postulo visão crítica aos atributos sociais, que demarcam lugares consolidados do fazer “feminino” e “masculino”. Contudo, reconhecendo à complexidade existente no modo de ser “homem” e “mulher”. Hoje há uma desnaturalização do que vem a ser “masculino” e “feminino”, sendo necessário estabelecer uma visão relacional entre ambos (Sayão, 2005). Falar de



masculinidade e feminismo pode gerar uma longa discussão, a qual não se pretende aqui. Busco através deste trabalho: o reconhecimento dos homens psicólogos escolares; o combate ao preconceito e estereótipos referente ao homem como educador; a valorização do homem como contribuinte à educação – Vale ressaltar que os maiores teóricos contribuintes para a área do desenvolvimento e da educação são homens, como por exemplo: Vigostsky; Piaget entre outros.

Este artigo pretende trazer algumas implicações relacionada a atuação do psicólogo homem na escola. Dialogando com outros trabalhos realizados na área da educação e gênero na psicologia e em contato com alguns colegas homens atuantes na escola. Infelizmente não há outros trabalhos relacionado a figura do psicólogo homem na psicologia e tampouco na atuação escolar.

Em busca de referências, não foi difícil de encontrar publicações sobre a ascensão das mulheres no meio profissional, na psicologia e educação, o que serviu de base para a elaboração deste trabalho. Foi com base no progresso atingido pelos movimentos feministas – sem generalizar, reconhecendo sua pluralidade, que, tornou possível repensar a figura do homem na sociedade e dentro do espaço escolar.



3 ESCOLA ENQUANTO LOCAL DE PROFISSÃO DO HOMEM

Não é difícil encontrar homens trabalhando dentro escola, mesmo sendo um território majoritariamente feminino. Os homens neste contexto normalmente estão exercendo funções indiretas à educação, seja na portaria, cantina, direção, limpeza e inspeção de pátio – considerando esta última menos presente na educação infantil.

O espaço do homem enquanto educador dentro da escola é bem aceito quando se trata de um Educador Físico – seja professor de educação física, psicomotricista ou instrutor de algum esporte ofertado pela escola, funções ligadas à educação do corpo, numa visão segregada de educação. Por quais motivos convém a aceitação do homem em funções que promovem educação corporal? Infelizmente não cabe aqui entrar neste mérito.

A escola também aparece como um local de cuidado, em que, cuidar e educar se comunicam. Contudo, Sayão (2005), em pesquisa com educadores homens na educação infantil, percebeu que estes rejeitavam tal relação de cuidado, se auto percebendo apenas como educadores. Devemos considerar posturas advindas de homens que buscam se diferenciar de mulheres como forma de reafirmar sua própria masculinidade e/ou lidar com determinados estereótipos e pré-conceitos.

A imagem do homem dentro do contexto escolar quando desenvolve funções consideradas “femininas”, fica a mercê de estereótipos e preconceitos. Ideias de estar na escola por não conseguir uma ocupação melhor; ser um pervertido ou abusador; inexperiente para com as práxis pedagógica; homossexual e entre outros estereótipos, quais são vivenciados de forma explícita ou implícita. A noção de cuidado e afeto aparecem vinculadas como habilidades das mulheres, onde estas possuem engajamento para expor o “lado maternal” dentro do contexto escolar, contudo, o homem pode prover esta mesma relação “maternal”, superando o que prega o senso comum entre feminilidade e mulher, masculinidade e homens (Carvalho, 1998).

Dentro do ambiente familiar se vê mulheres, mães solteiras ou divorciadas e administradoras do lar, capazes de lidar com as demandas ocupacionais e com as atribuições



domésticas. Quando há homens, na mesma condição, costumam ser vistos como incapazes de prestar cuidados, afetos e auxílio na educação dos filhos ao mesmo tempo em que trabalha fora, sendo visto muitas das vezes como demandantes de um companheirismo feminino a fim de dá conta destas atribuições.

Na trajetória dos movimentos feministas, iniciada no século XIX, houveram causas focadas na reivindicação de reconhecimento do trabalho feminino, o que até então era “natural” que mulheres “devessem” se dedicar a determinadas atividades, relacionadas a afeto e cuidado (Müller e Longhini, 2013). A conquista deste espaço cria uma dualidade em nossa sociedade machista, pois ao mesmo tempo em que essa reivindicação concebe a valorização profissional, a sociedade ainda subjuga tais funções, considerando-as “de ordem feminina”. Demarcar este lugar limita as possibilidades de atuação profissional das mulheres em outras áreas. No entanto, parece ter sido criada, ao mesmo tempo uma barreira para os homens que desejam desempenhar funções relacionadas a afetividades e cuidado – um efeito não planejado. Segundo a lógica machista, as mulheres são melhores do que os homens no desempenho de funções desta ordem.

Como sugere Christine Williams (1995). Essa autora mostra como, exatamente por terem sua masculinidade menos fortemente marcada através de símbolos como o sucesso numa carreira competitiva, muitos homens que trabalham em ocupações tidas como femininas se esforçam muito para diferenciar-se e manter sua superioridade sobre as mulheres e a feminilidade (hegemônica), reforçando traços e comportamentos considerados como masculinos no modelo social idealizado. (CARVALHO, 1998, p.10).

No filme denominado no Brasil “A Creche do Papai” (2003), traz o protagonista Charlie vivenciado por Eddie Murf, um homem, recém demitidos de uma fábrica, que junto a seu amigo, resolvem abrir uma creche. No início eles vivenciam atribulações e confusões por não terem a mínima noção sobre educação de crianças pequenas, acreditando que bastava ser um bom pai. Ao longo do filme eles se afastam da idéia paternal e percebem a necessidade de uma função educacional, a qual não se achavam capacitados a exercer. Ao mesmo tempo, o filme mostra um estereótipo da figura masculina numa função ocupada por mulheres, ele traz a noção do cuidado integrado ao processo de educação.

São poucos os que desafiam os modelos sociais e se dispõem a encarar uma profissão de predominância feminina, sem a necessidade de se opor à posturas ditas femininas ou ter de afirmar sua masculinidade à todo momento. Deve-se levar em consideração à formação que o profissional possui para executar determinada função, necessitando uma



visibilidade no fazer profissional. Charlie em “A Creche do Papai” abandonou a idéia de ser educador não pelo fato de ser homem, mas pelo despreparo como educador.

A relação de profissão e gênero segue ligada a áreas de formação, conseqüentemente resultando num grande número de profissionais de determinado sexo em uma área e de outro em outra área.



4 HOMENS NA PSICOLOGIA: QUANTOS SOMOS?

Historicamente a psicologia aparece como um território feminino. Em seu início, aparece como uma área de formação elegida pelas mulheres com o objetivo de autocohecimento ou uma capacitação a fim de ajudar ao outro, sem finalidade profissional (Yamamoto et al., 2013).

Em 2013, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) lançou uma circular chamada: “Quem é a psicóloga brasileira - Mulher, Psicologia e Trabalho”, organizado pela psicóloga, psicanalista e professora Louise A. Lhullier, apresentando o “perfil da psicologia” a partir de escuta à população de psicólogas mulheres de todo Brasil, trazendo um panorama do perfil feminino da psicologia. Neste documento é revelado que dos(as) 232 mil psicólogos em exercício da profissão no país, 88 por cento eram mulheres e ainda assim dentre elas, apenas 12 por cento atuavam na área educacional. Atualmente o CFP disponibiliza em seu portal um demonstrativo infográfico, referente ao perfil dos psicólogos brasileiros em exercício. Atualmente há um total de 326.7324 psicólogos (as) em função. Os homens ocupam somente 13 por cento dessa amostra.

O maior número de psicólogos se encontra no estado de São Paulo (F.1), com o quantitativo de 98.529 psicólogos, sendo 87 por cento psicólogas e apenas 13 por cento psicólogos, atuantes em diferentes áreas da psicologia. Há uma grande diferença quantitativa entre ambos. A discrepância é ainda maior no estado de Tocantins, com apenas 7 por cento de psicólogos homens registrados (F.2).

A maior quantidade de psicólogos homens em atuação é de 16 por cento e se encontra em Sergipe, estado com o total de 384 psicólogos homens (F.3).

Visivelmente nota-se à discrepância entre homens e mulheres na psicologia, reforçando a idéia da psicologia como uma profissão feminina. Isso está relacionada à visão binária das profissões onde há uma diferença ocupacional dos gêneros, uma ideologia do senso comum determinante de pré-conceitos.

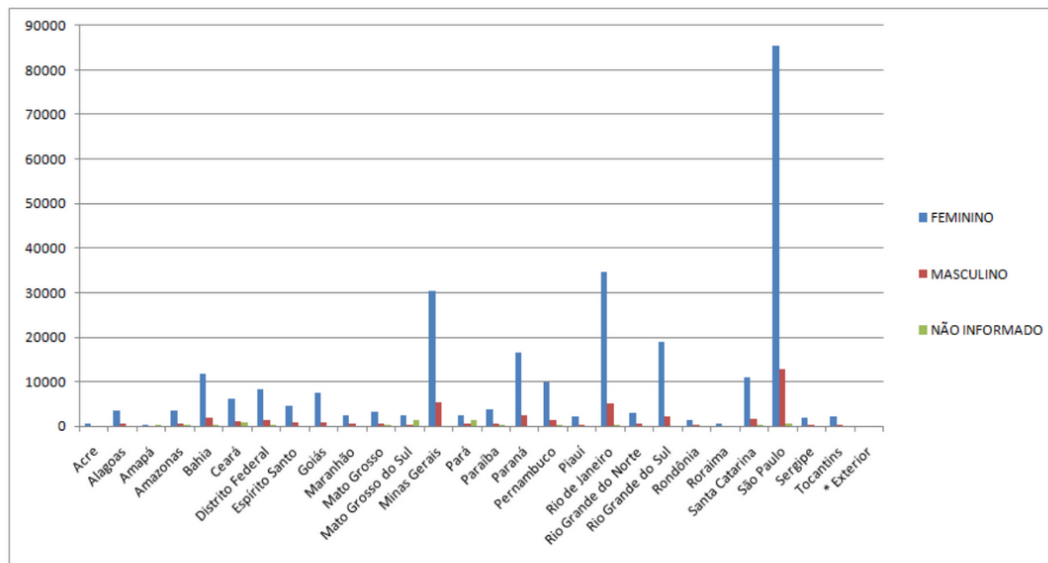


Figura 1 – Proporção de Psicólogos brasileiros separado por gênero. Fonte: Cadastro do Conselho Federal de Psicologia (2018).

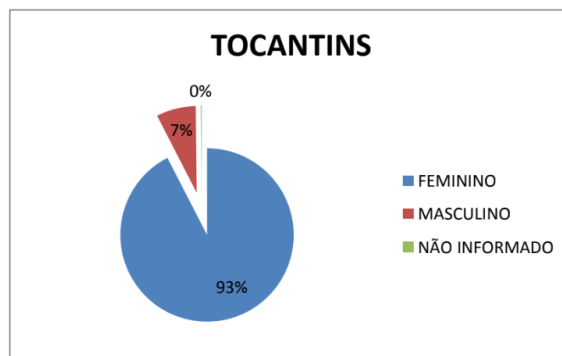


Figura 2 – Demonstrativo da quantidade de Psicólogos no estado de Tocantins. Fonte: Cadastro do Conselho Federal de Psicologia (2018).

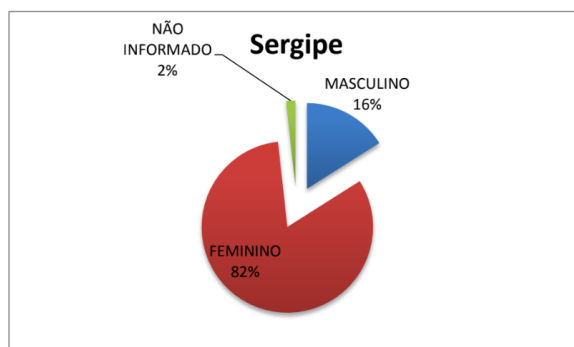


Figura 3 – Demonstrativo da quantidade de Psicólogos no estado de Amapá. Fonte: Cadastro do Conselho Federal de Psicologia (2018).

Em contraponto à psicologia, a engenharia, por exemplo, dentro da idéia de diferença ocupacional, aparece como uma profissão tipicamente masculina. “Com a implosão de algumas fronteiras normativas de gênero, as profissões e seus processos históricos identitários passam por um momento de hibridização no tecido social, questão que teríamos que avaliar mais detidamente.” (Müller e Longhini, 2013, p.54).



Vale ressaltar que as escolhas á determinadas profissões não estão somente vinculada pelo tipo de atribuição, há outros fatores como: salário, habilidades, oportunidades e entre outros.

4.1 Sou psicólogo escolar

Se o homem é a minoria do corpo escolar e no ramo da psicologia, encontrar homens, psicólogo na escola não é uma tarefa fácil. Além de me debruçar em minhas vivências como psicólogo escolar, busquei colegas homens - psicólogos escolares, a fim de conhecer outras realidades de psicólogos homens em seu meio de trabalho. Dentre os profissionais encontrados no estado do Rio de Janeiro, havia os que trabalhavam em escola privadas e um atuante na rede pública, como concursados no cargo de psicólogo escolar em um município do estado do Rio. O contato com estes profissionais possibilitou confrontar a minha própria experiência como psicólogo escolar e visualizar implicações referente à atuação do psicólogo escolar.

A psicologia escolar segue como área de atuação, buscando seu reconhecimento, dividindo espaço com a velha psicologia⁵ e atendimentos clínico-escolar. Os profissionais encontrados na rede privada atuavam nas demandas de dificuldade de aprendizado, tendo suas práticas baseada em conhecimentos clínico. Essa postura demarca não só uma diferença ao atendimento de caráter educacional na escola, mostra o homem como alguém exercendo função vista como rígida. Se distinguindo das mulheres neste contexto, sem envolvimento direto nas práticas pedagógicas, trazendo consigo a referência da figura masculina como detentor do saber, diante problemas não solucionado pela pedagogia. A formação básica do psicólogo não oferece cadeira na área da psicologia escolar, “desde o início dos cursos de graduação em psicologia, aqui no Brasil, constatou-se um acentuado direcionamento da formação para a área clínica” (Barreto et al., 2009, p.263) com isso, essas práticas acabam sendo reproduzidas dentro do contexto escolar.

Durante a minha graduação, as disciplinas da psicologia escolar foram contempladas, fornecendo base sobre o assunto. Contudo foi necessário lançar mão de outros conhecimentos na área da educação, assim como buscar práticas na área da psicologia escolar.

É necessário que seja garantido o contato com a diversidade teórica metodológica e profissional da área, seja de forma generalista e pluralista. A formação acadêmica acaba gerando conseqüências ao privilegiar algumas áreas e não contemplar outras (Barreto et al.,2009).



A oportunidade de prática em psicologia escolar para o homem pode ser mais difícil do que para as mulheres, devido as condições e estereótipos aqui já citados. Parece mais “seguro” para escola ter uma psicóloga mulher do que um psicólogo homem mesmo que este se apresente mais habilitado a função. No trabalho com a educação infantil a oportunidade do psicólogo fica ainda mais estreita, ao considerar neste ambiente uma relação mais direta com o corpo da criança, deste modo o trabalho do psicólogo acaba sendo discriminado, não tendo oportunidade de reconhecimento.

A lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB) não garante e nem exige a presença de psicólogos na rede públicas de ensino, no entanto, alguns municípios brasileiros incorporam psicólogos escolares (Barreto et al.,2009). Um dos psicólogos encontrado é psicólogo escolar, concursado e atuante num município dentro do estado do Rio de Janeiro.

Infelizmente não tive contato com o psicólogo da rede pública e como se caracterizava o seu trabalho,

há equipes de psicólogos que atuam em Secretarias Municipais de Educação e trabalham com pouco ou nenhum contato com as equipes pedagógicas que acompanham a mesma escola. Esse distanciamento revela não apenas fragmentação, mas um equacionamento preocupante do trabalho que pretendem realizar (Sayão e Machado, 2017).

Na escola pública a experiência do homem enquanto psicólogo assume outro modo de funcionar em comparação a rede privada, assim bem como pude perceber em minha própria experiência.

Dentro da rede pública de ensino o psicólogo possui mais autonomia no desempenho de suas atividades, do que em escolas particular. A entrada e o fazer do psicólogo neste espaço assume outros moldes, seja na ordem dos objetivos de seu trabalho, as hierarquias e a relação com a equipe escolar. Podendo com isso, confrontar diretamente tabus e preconceitos.



5 CONSIDERAÇÕES

Falar sobre a prática escolar, ser psicólogo homem é um assunto bastante novo, sendo necessário um aprofundamento para conhecer o perfil do homem psicólogo brasileiro e saber o quanto somos, enquanto homens psicólogos escolar. Há uma gama de estudos sobre gênero que decorrem a partir das nuances relacionadas ao “universo feminino”. Falar sobre gênero numa perspectiva relacional é reconhecer os efeitos também causado ao homem devido a repercussão dos movimentos feministas. Ter encontrado materiais e pesquisas sobre homens na educação com autorias majoritariamente feminina, me faz questionar, aonde estão os homens como autor desta interlocução?

Quero deixar claro que a crítica aqui produzida não é um repúdio as mulheres que seguem como maioria na área da psicologia e educação, mas sim o questionamento deste lugar determinante. Trazendo a luz à possibilidade e visibilidade de um fazer distinto à um caráter de gênero. O baixo número de homens psicólogo escolar pode está associada a uma visão de não pertença, de realmente não se identificarem com o campo de atuação. Entre os profissionais consultados no estado do Rio de Janeiro, dois atuavam na área escolar apenas por ter coincido à necessidade de ocupação profissional.

Como apontado em outros estudos na área da educação (Seifert 1983; Carvalho 1998), o baixo número de homens na educação não está vinculado somente a discriminações ou pressões internas à formação, mas atração em direção as outras ocupações, que lhes aparecem mais prestigiadas e adequadas a um parâmetro masculino hegemônico. É preciso um levantamento a fim de saber sobre esta mesma escassez masculina na área da psicologia e escolar.

Por outro lado, pensemos na valorização, tanto da formação quanto da atuação de psicólogos que desejam atuar na área escolar, reconhecendo o espaço escolar como sendo um espaço de atuação do homem enquanto psicólogo escolar, combatendo não só os preconceitos, mas, as práticas psicológicas medicalizante que habitavam o cenário escolar.

Torna-se uma resistência permanecer e lutar por este lugar, diante dos atravessamen-



tos aqui colocados. Espero poder ter transmitido a voz da psicologia escolar na perspectiva masculina e provocar uma mobilização da existência de uma profissão também masculina.



6 BIBLIOGRAFIA

MACHADO, A, M; SAYÃO, Y. Plantão Institucional em tempos difíceis: uma prática psi no campo da Educação. Concepções e Proposições em Psicologia e Educação, São Paulo: Blucher, 2017.

SAYÃO, Deborah, L. Relação de Gênero e Trabalho docente na Educação Infantil: Um Estudo de Professores em Creche. Dissertação (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, UFSC, Santa Catarina, 2005.

MULLER, Rita, F.; LONGHINI, Geni, N. Trabalho Feminino, trabalho masculino: desdobramentos da divisão sexual do trabalho. Quem é a Psicóloga brasileira? Mulher, Psicologia e Trabalho. CFP, Brasília, 2013.

CARVALHO, Marília, P. Vozes Masculinas numa profissão Feminina O que Têm a dizer Os Professores. Prepared for delivery at the 1998 meeting of the Latin American Studies Association, The Palmer House Hilton Hotel, Chicago, Illinois - September 24-26, 1998.

GUZZO, Raquel, S.L. Formando Psicólogos Escolares No Brasil, Dificuldades e Perspectivas. Psicologia Escolar – Pesquisa Formação e Prática, Ed. 2 Edição, Campinas: Alínea, 2001.

YMAMOTO, Oswaldo, H. et al. As psicólogas e as mutações no mundo do trabalho. Quem é a Psicóloga brasileira? Mulher, Psicologia e Trabalho. CFP, Brasília, 2013. A Psicologia em Números, infográfico.

MACHADO, Fabiana, L, B. Sobre a atuação do Psicólogo Escolar. Monografia (Graduação em Psicologia) – Faculdade de Ciência da Educação e Saúde, Uniceub, Brasília, 2010.

BARBOSA, P, P; OLIVEIRA, N, R. O Corpo na Obra de Michel Foucault e sua Presença no Campo da Educação Física. Pensar e Prática, Goiânia, v.19, n.4, out/dez. 2016.



BARRETO, Maria, A. et al. Estudo com Psicólogos Escolares: Ações e desafios. *Psicol. Argum*, Curitiba, v.27, n.28, p.261-269, jul/set. 2009.

ANTUNES, Mitsuko, A. Psicologia Escolar e Educacional: história, compromissos e perspectivas. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRABEE)*, São Paulo, v.12, n.2, p.469-475, jul/dez. 2008.